

CONTATO DE CRIANÇAS COM A NATUREZA E A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES

CHILDREN'S CONTACT WITH NATURE AND THE IMPORTANCE OF INITIAL TEACHER TRAINING

Andréa Inês Goldschmidt¹

Bianca Pecke Rodrigues²

Larissa Bazalha Izidório³

RESUMO: Atualmente, as crianças passam mais tempo conectadas à internet do que brincando ao ar livre, o que tem provocado o distanciamento da natureza, tornando-se prejudicial para o seu desenvolvimento. O espaço escolar é um ótimo local para dar início à alfabetização ambiental, contribuindo para restabelecer a conexão com os ambientes naturais, através de propostas de educação ambiental. Os professores também devem estar sensibilizados, por meio de reflexões e vivências nos cursos de formação inicial. O estudo busca investigar quais os fatores que atraem e distanciam o contato com a natureza, de crianças de anos iniciais do Ensino Fundamental, a fim de se proporem trilhas ambientais de sensibilização. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em uma escola pública do interior do Estado do Rio Grande do Sul, com 25 alunos de anos iniciais do Ensino Fundamental, através de um questionário com questões abertas e contendo imagens acerca da floresta, tato clara, quanto de ambiente escuro, em que as crianças respondam individualmente, se passearam e dormiram nos locais como os que estavam sendo mostrados. Eram ainda observadas suas emoções frente às fotografias. Os resultados mostraram que as crianças sentem fascínio pela floresta, mas a iluminação e o medo de animais foram fatores presentes para o afastamento, assim como a natureza vista como sinônimo de sujeira. Também se verificou que um número muito pequeno de crianças tem contato direto com locais como estes, relatando vivências, como passeios, pescarias e brincadeiras de exploração, fundamentais ao seu desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Desemparedamento. Infância. Meio Ambiente. Educação Ambiental.

ABSTRACT: Currently, children spend more time connected to the internet than playing outdoors, which has caused them to distance themselves from nature, becoming harmful to their development. The school space is a great place to start environmental literacy, helping to reestablish the connection with natural environments, through environmental education proposals. Teachers must also be sensitized, through reflections and experiences in initial training courses. The study seeks to investigate which factors attract and distance contact with nature for children in the early years of Elementary School, in order to propose environmental awareness-raising trails. The research, with a qualitative approach, was carried out in a public school in the interior of the State of Rio Grande do Sul, with 25 students in the early years of Elementary School, through a questionnaire with open questions and containing images about the forest, clear touch, as a dark environment, in which children respond individually, whether they walked and would sleep in places like those being shown. Their emotions in front of the photographs were also observed. The results showed that children are fascinated by the forest, but lighting and fear of animals were factors that led to their separation, as well as nature being

¹ Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: andrea.goldschmidt@uol.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8263-7539>

² Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: biapecke15@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0004-3214-1657>

³ Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: larissa.bazalha@acad.ufsm.br

 <https://orcid.org/0009-0006-9329-1960>

● [Informações completas no final do texto](#)

seen as synonymous with dirt. It was also found that a very small number of children have direct contact with places like these, reporting experiences, such as trips, fishing and exploring games, which are fundamental to their development.

KEYWORDS: Unpaired. Infancy. Environment. Environmental Education.

Introdução

O presente estudo busca investigar quais os fatores que atraem e distanciam o contato de crianças de anos iniciais do Ensino Fundamental com a natureza. E, a partir destes resultados, se pretende construir trilhas de sensibilização, para serem trabalhados com os alunos de anos iniciais e com os professores envolvidos no projeto, além de oportunizar vivências e reflexões acerca da temática aos alunos pesquisadores, em sua formação inicial na docência. Neste contexto, o artigo aprofunda discussões acerca da importância da relação entre o contato com os ambientes naturais desde a infância e os problemas relacionados ao seu distanciamento no desenvolvimento integral do ser humano. Contribui ainda com reflexões acerca da necessidade de tal temática ser discutida também na escola e na formação inicial docente.

O avanço da tecnologia e o aumento populacional fizeram da urbanização um processo crucial para o desenvolvimento das cidades. Este processo provocou um efeito sobre uma questão que vem sendo problematizada nos últimos anos, o distanciamento do ser humano com a natureza (Tiriba, 2018; Maia e dos Santos, 2009).

De acordo com Capra (1996), esse distanciamento contribui para a falsa sensação de independência humana, que acaba por separar sua comunidade de todas as outras comunidades ecossistêmicas. Com isso, o contato com os ambientes naturais tem diminuído significativamente, independente do conhecimento dos benefícios e sensações de bem-estar e melhoria na saúde física e mental. Esta desconexão com a natureza pode inclusive estar relacionada ao crescente número de problemas de saúde mental, como a ansiedade, principalmente quando pensamos nas crianças, e no quanto esta prejudica o seu desenvolvimento.

Richard Louv (2016), autor do livro *A Última Criança na Natureza*, aponta que as pesquisas tem mostrado que a falta de contato das crianças com a natureza causa problemas físicos, como a obesidade; e mentais, como depressão, hiperatividade e *déficit* de atenção. E, vai além disso, sinaliza que as crianças de hoje têm "*déficit de natureza*" e

discute que as escolas devem liderar o caminho de resgate do convívio infantil com a natureza, já que as áreas verdes em grandes cidades são poucas e a vida dos pais é corrida. Inclusive, o autor afirma que há estudos mostrando que uma educação baseada no meio ambiente melhora o aprendizado, não somente em áreas ligadas às ciências da terra; mas também em idiomas, matemática e história.

Ao pensar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Tiriba (2005) comenta que a leitura que se faz das diretrizes curriculares, apontam as interações e a brincadeira como norte do processo pedagógico, e que estas não incluem a natureza como sujeito dos processos interativos; apenas os humanos são considerados como referência. Neste sentido, no plano pedagógico, o ambiente natural é entendido como possível cenário das brincadeiras infantis - não como lugar fundamental à constituição humana. E, progressivamente, nos outros anos do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e ainda no Superior, o distanciamento se impõe de modos cada vez mais radicais.

A mesma autora ainda comenta que a concepção antropocêntrica da natureza, justifica a ausência do tempo; e por meio desta, as crianças quase não permanecem em espaços ao ar livre, tendo quase inexpressiva utilização do espaço do entorno da escola, ou mesmo a falta de acesso ao mundo exterior através das janelas. Assim, de modo radical, a pedagogia dos dias atuais reproduz a premissa de separação entre seres humanos e natureza.

A quebra desse pensamento antropocentrista se faz necessária para que o ser humano possa se reconectar à natureza e ser educado ambientalmente, a fim de cuidar, proteger, interagir e se sentir parte integrante deste ambiente. Mas apesar deste processo ser essencial, requer a quebra de diversos paradigmas construídos após tantos anos de distanciamento, como por exemplo, o medo de conhecer e se aventurar em um ambiente desconhecido (Capra, 1996; Tiriba, 2005).

Entende-se que as chances de desenvolver essa consciência e preocupação com o meio natural é maior quando a abordagem ocorre ainda na infância, usando-se de atividades ao ar livre para despertar nas crianças o encantamento e a sensação de pertencimento perante ao natural. Por conta disso o espaço escolar acaba sendo um dos principais locais para a implantação desse processo de educação e alfabetização ambiental

(Grenno e Cabicieri, 2019), até porque as crianças passam o maior número de horas muitas vezes de seus dias, na escola.

Desta forma, são importantes propostas que pensem a escola e o papel dos professores neste processo de mediação, de modo que permitam maior espaço para práticas que contemplam intencionalmente a conexão da criança com a natureza. E, que o ambiente natural seja compreendido como capaz de por si só, de ensinar. Ou seja, a natureza, não precisa da mediação do adulto, o próprio espaço natural faz este papel ao revelar a criança um mundo de descobertas. Com tempo para ser investigado, a criança é capaz de aprender muito neste contato direto.

Diante disso, a formação dos professores também assume importância. Marcelo Garcia (1999, p. 24) concebe a formação de professores como “[...] área de conhecimento, investigação, propostas teóricas e práticas; contempla as formações inicial, continuada e o exercício docente [...].” E acrescenta que se trata de “[...] um processo individual e coletivo; e está relacionado às experiências de aprendizagem que promovem reflexão e ação para com o ensino, escola, alunos, currículo, qualidade da educação.”

Desta forma, neste estudo, destaca-se a formação inicial de professores, pois esta constitui a primeira etapa de profissionalização e a base para constituição da profissionalidade docente, devendo a mesma ser pautada em uma prática humanista, problematizadora, dialógica, crítico-emancipadora, voltada à compreensão do papel da educação na transformação da escola pública em constante metamorfose, visando a formação humana e integral.

Em meio a tudo isto, a crise ambiental se acelera, e assume destaque, necessitando ser tratada como um dos focos de discussões na formação inicial docente, e através dela, também chegar aos professores em atuação na Educação Básica, numa ação colaborativa, através de propostas compartilhadas.

Barros (2018) explica que as crianças têm o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder e se encantar com “a e na natureza”, e que os esforços para que isso de fato aconteça devem ser de responsabilidade dos diferentes setores da nossa sociedade, incluindo as escolas.

Assim, as escolas precisam estar preparadas para que isto se concretize, sendo imprescindível que professores discutam e vivenciem ainda em sua formação inicial

experiências e reflexões acerca destas possibilidades, de modo que também se sintam mais preparados, incentivados e conscientes da importância desta dimensão de reconectar as crianças à natureza. A proposta não é manter pequenos espaços naturais nas escolas, mas criar espaços junto com a comunidade em que essas escolas estão localizadas, espaços esses que façam parte da proposta pedagógica, para que as crianças se reconheçam como parte integrante do meio, promovendo assim um real desemparedamento da infância.

Tal proposta deve passar por uma mudança cultural de todos os envolvidos, pois infelizmente as escolas e os pátios escolares ainda possuem sua história ligada à história da Educação brasileira; ou seja, uma visão da escola tradicional, ainda centrada na ação educativa focada apenas na sala de aula e na figura do adulto-professor (FARIAS, 2011).

Barros (2018) corrobora com esta ideia, sinalizando que:

ainda prevalece a ideia de que só se aprende com o corpo parado, de que movimento, expansão e aprendizado não combinam, o que gera um conjunto de rotinas que têm como objetivo disciplinar o corpo para o exercício intelectual. Uma soberania do referencial cognitivo em detrimento da experiência como construtora de conhecimento (Barros, 2018, p.29).

Se o que se busca é pensar no desenvolvimento integral das crianças, em suas múltiplas potencialidades – social, emocional, intelectual e espiritual -, é necessário superar essa concepção de Educação. A sensibilização para a natureza se faz um elemento fundamental, em consonância com os outros elementos, como os valores, a ética, a coletividade, a cidadania. Oportunizar vivências aos licenciandos e ponderações acerca desta temática, se faz fundamental para que estes docentes em formação se sensibilizem e para que as mudanças aconteçam na escola. Como afirma Toledo (2010, p. 101) “há que se incluir o afeto. Encantar os educadores pela natureza tal qual as crianças, e ajudá-los a acreditar que um mundo mais justo e sustentável é possível”.

Quando se discorre sobre formação de professores, não se está descrevendo estratégias ou uso de receitas, mas sim espaços de discussões e vivências, através do ensino e da pesquisa, que permitam transformar o olhar do educador para os espaços escolares, para uma sensibilização para as questões ambientais e para observar a escola como um possível território educativo natural, contribuindo para a reconexão aos ambientes naturais de crianças, adolescentes e jovens. Neste contexto, quanto mais sensibilizados

estivermos, mais conseguiremos desenvolver propostas que visam esta reconexão, pois ela deve integrar a todos os envolvidos neste processo.

Trajetória Metodológica

A investigação narrada possui abordagem qualitativa e caráter exploratório, sendo caracterizada por Gil (2017) como aquela que encoraja o entrevistado a refletir sobre o tema, busca reduzir os dados coletados através de categorizações e interpreta esses resultados a partir de reflexões e discussões mais profundas.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do interior do Estado do Rio Grande do Sul, contando com 25 alunos de duas turmas vespertinas de primeiro ano do Ensino Fundamental, de faixa etária de 6 a 7 anos de idade. Os participantes assinaram junto com seus familiares um Termo de Consentimento Live Esclarecido, para participarem das atividades.

Aplicou-se um questionário para coleta dos dados, no intuito de em posse dos resultados, poder organizar uma trilha de sensibilização ambiental com as turmas e as professoras envolvidas, em uma área de bosque da Universidade, em que as pesquisadoras que se encontram em formação inicial em licenciatura em Ciências Biológicas, estudam. O questionário aplicado continha duas imagens que retratavam a floresta. A primeira fotografia escolhida, se referia a uma Floresta de ambiente claro, com entrada de raios de sol, com um caminho bem delimitado (Figura A). Já, a segunda imagem, também de uma floresta, ilustrava um ambiente noturno; portanto, com pouca iluminação e sem um caminho bem definido (Figura B). Estas foram impressas em folha A4, com alta resolução, e eram mostradas às crianças, antes de ser realizada as questões. As fotos permaneciam escondidas para que as pesquisadoras pudessem avaliar as emoções que os alunos demonstravam ao visualizarem as imagens. As emoções manifestadas pelos participantes foram anotadas no questionário, bem como as expressões faladas, se eram manifestadas.

As crianças foram chamadas individualmente, em sala separada, para não haver interferência nas respostas dos colegas e também por não serem ainda alfabetizadas. Além da questão sobre as emoções observadas no momento que o entrevistado observava a imagem, eram realizadas quatro questões referentes a cada uma das duas imagens. Foram assim questionadas, se passeariam naqueles locais, buscando ainda as justificativas das

crianças para suas respostas. E por fim se dormiriam naquelas florestas, também sendo anotadas as justificativas. O mesmo procedimento foi realizado para a imagem A e a B. Como finalização no questionário, foi ainda perguntado uma questão geral sobre as vivências da criança em locais de natureza, de modo que pudessem relatar as experiências que já tiveram.

As respostas foram anotadas pelos pesquisadores nos questionários individuais, para posterior análise. A leitura de todas as respostas, seguiu a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), com a categorização das respostas dos alunos, sendo elencada as categorias *a posteriori*, de modo que se pudesse responder ao objetivo da pesquisa, elencando fatores que as incentivasse ou a distanciassem de irem a estes locais.

Segundo Bardin (2016), as etapas da Análise de Conteúdo consistem em: (1) pré-análise; (2) exploração do material e o tratamento dos resultados; e (3) a inferência e a interpretação. Na pré-análise faz-se a organização dos materiais, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e objetivos, e a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final. São realizadas leituras sobre a temática que deram subsídios para a análise e sistematização das ideias iniciais, separação para a organização dos questionários iniciais e organização da proposta posterior para a trilha de sensibilização.

Da aplicação dos questionários individuais iniciais, as respostas foram transcritas diretamente em arquivo no Excel em forma de tabela, em forma de excertos extraídos como unidades de significado. Depois foram classificadas, categorizadas em reagrupamentos por categorias de discussão; ou seja, palavras com o mesmo sentido, ou sinônimos, sendo adotado o método dedutivo, resultante das unidades de análise, organizadas com base nas semelhanças e significados encontrados nas respostas, derivando assim, as categorias emergentes *a posteriori*. Estas categorias e subcategorias que emergiram ao longo do processo, são apresentadas de acordo com cada questão.

Na exploração do material e o tratamento dos resultados, foram codificados e categorizados os resultados; ou seja, transformando-se os dados, conforme recortes, agregações e enumerações; e, apontando a representação de conteúdo, sendo que para preservar as escolas, turmas e alunos, os nomes são codificados. Para a *inferência* e a *interpretação* buscou-se o tratamento das informações, realizando a análise reflexiva e

crítica, procurando responder o objetivo desse artigo, evidenciando as implicações e contribuições desse estudo embasado em aportes teóricos relacionados à educação ambiental e importância do professor atuar no desemparedamento infantil.

Resultados e Discussão

Os resultados foram tabulados em categorias e subcategorias e são apresentados no Quadro 1, de modo que podem ser discutidos.

Quadro 1. Resultados encontrados sobre os motivos que alunos de anos iniciais do Ensino Fundamental possuem para passearem ou não em locais de contato com a natureza.

Sensações		
	Figura A. Floresta de ambiente claro, com entrada de raios de sol, com um caminho bem delimitado	Figura B. Floresta de ambiente noturno; portanto, com pouca iluminação e sem um caminho bem definido
Medo	4	19
Nojo	1	1
Alegria/ Surpresa	17	2
Espanto	1	2
Indiferença	2	1
Passearia? Justificativas		
Sim	17	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos Biológicos, sendo contato com vegetais/solo e com animais; • Valores estéticos; • Benefícios para saúde.
Não	8	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos Biológicos, sendo medo de animais, desconforto com picadas de mosquito; • Natureza como sinônimo de sujeira; • Falta de permissão.
Dormiria?		

Sim	6	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos Biológicos, sendo a possibilidade de contato com animais; • Valores estéticos; • Porque não tenho medo; • Porque acordar cedo não incomoda, e terá claridade; • Condicionado à confortos estruturais. 	5	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos da natureza oferecem abrigo, pois a mata é fechada; • Valores estéticos.
Não	19	<ul style="list-style-type: none"> • Medo, sendo medo de animais selvagens, perigosos, violentos, que picam, de escuro, do imaginário infantil, medo de cair árvore; • Sem estrutura básica para acampar; • Elementos da natureza desconfortáveis, sendo espinhos e mosquitos. 	20	<ul style="list-style-type: none"> • Medo, sendo medo de animais selvagens, perigosos, violentos, que picam, de escuro, do imaginário infantil, medo de cair árvore; • Sem estrutura básica para acampar, falta abrigo; • Elementos da natureza desconfortáveis, sol no olho para acordar; • Incomodado.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Os resultados mostraram que a frequência de crianças que passeariam na floresta clara, da Figura A foi maior quando comparada à quantidade de crianças que passeariam na floresta mais escura, da Figura B. De modo significativo as crianças se sentiram atraídas pela floresta iluminada, e demonstraram expressões de alegria e satisfação ao observarem a imagem. Manifestaram interesse pelos elementos biológicos, em poderem brincar e terem contato com a terra, com as plantas, flores, e verem animais; além de considerarem um lugar agradável, bonito, tranquilo para passear e onde se pode ter liberdade. Ainda afirmaram que caminhadas são importantes e fazem bem para a saúde.

Segundo Tiriba (2010), as crianças demonstram fascínio pelos espaços externos porque eles são o lugar da liberdade, onde o adulto não controla seus corpos e o desenvolvimento integral é a prioridade, e não apenas o desenvolvimento das capacidades intelectuais. Nestes locais, as crianças tem a possibilidade de serem seres de cultura e simultaneamente, da natureza, pois nosso corpo é ambiente natural e o contato com a terra, sol, ar e água são elementos que representam o mundo natural, elementos que se completam, que se transformam, que se relacionam. Precisamos desses elementos para viver plenamente, o contato com a natureza nos humaniza (Tiriba, 2018).

Na imagem da floresta escura, um menor número de crianças afirmou ter interesse em passear, embora, indicando elementos similares.

No entanto, quando as justificativas emergiram para não passear na floresta escura, e ao observar as sensações provocadas pela imagem, observou-se que a Figura B causou nas crianças medo, tanto, que teve situação de crianças não quiseram olhar a imagem e desviaram os olhares. A iluminação foi um fator que gerou sensação de desconforto e insegurança. Além disso, outro elemento significativamente citado foi a presença de animais na mata, especificamente o medo que as crianças sentem em relação aos animais que elas imaginam poder encontrar em um ambiente natural, e que muitas vezes podem ser assustadas por adultos de seu convívio. Interessante mencionar, que na floresta clara, só eram citados a presença de animais, e estes eram atrativos para a visita, pois se referiam a ver os animais e ter contato com os “bichinhos da natureza”, “ouvir os passarinhos”. Já, na floresta escura, estes animais, passaram a representarem riscos, e ganharam adjetivos, como selvagens, perigosos, violentos e que picam. Tuan (2005) em *Paisagens do Medo*, discorre que a presença de animais e a escuridão são as características mais prováveis de ativar o senso de perigo, causando o medo, quando uma criança é inserida no ambiente natural. O autor ainda afirma que esse medo de animais pode ser tanto instintivo como pode ser também aprendido pelos avisos de nossos pais.

Entre os animais citados, as crianças relataram presença de animais como aranha, cobra, raposa, urso, onça, lobo. Importante destacar que estes animais foram citados em ambas as situações. Mas à noite, recebiam adjetivos, exibindo perigo. Na fala de uma das crianças T2A10 “eu não iria, pois tem o lobo mau, minha mãe até disse que não existe, mas vi na história dos três porquinhos, eu que não me arrisco”. Sobre o lobo ter sido citado, se referiam ao imaginário infantil, a presença de um lobo mau. As crianças apresentam sentimento de medo frente àquilo que é definido como incompreendido, perigoso, como por exemplo, o fato do lobo ser mau por ser um predador (Breunig, Richter e Goldschmidt, 2023).

Sobre isso, Zambon (2009), alerta para os estereótipos das histórias infantis e Silva (2015) evidencia que no caso de animais, a apresentação do lobo mau como um elemento muito perigoso, um vilão, devorador, amedrontador, vencido pelo caçador e morto ao final da história tem contribuído para esta construção equivocada. Assim, a criança constrói estereótipos em que baseia sua visão de mundo, o que pode gerar dificuldades em lidar

com a realidade, tendo em vista que a criança já tem uma concepção e pode passar a discriminar o que foge a esses conceitos pré-estabelecidos (Zambon, 2009).

Diante do exposto, acerca destas relações com os animais, são importantes as atividades na escola que possam trabalhar estes medos de modo a desmistificar as informações e mitos existentes. Oliveira, Figueiredo e Tullio (2016, p.43) descrevem “a mediação educativa nesse processo é fundamental para que esse sentimento se transforme em admiração e respeito diante do poder e exuberância da natureza”.

Outro fator citado como motivo para a negação em passear na floresta foi a ideia de natureza como sinônimo de sujeira, reforçando a problemática de que até mesmo em escolas com áreas verdes o pensamento que liga natureza à sujeira bloqueia a possibilidade das crianças experimentarem os ambientes naturais (Ribas e Bomfim Nobre, 2023) e manusearem elementos da natureza, como a terra, plantas, pequenos animais, até mesmo durante o período que passam nas escolas. O receio em se sujar, seja por nojo, incômodo, ou até por alerta dos familiares, impede as crianças de vivenciarem o contato direto com a natureza.

Tiriba (2018, p. 83) alerta sobre isto “A interação com a natureza não é vista como um direito e sim como o lugar da sujeira da doença, do perigo, do incontrolável, da liberdade”. Por esse motivo, há necessidade da ressignificação dos ambientes escolares, aproximando cada vez mais as crianças da natureza, pois foram distanciadas pelas pedagogias tradicionais higienistas. É imprescindível a construção de novos ambientes e de uma formação de professores que reflita sobre isto, oportunizando esta mudança cultural instalada.

Sobre dormir nos mesmos locais, a floresta clara ainda predominou sobre a floresta escura, mas de forma mínima. Os fatores que mais prevaleceram para ambas as situações em não dormirem, foi o medo. Embora, reconhecido os valores estéticos do local para alguns, o medo de animais perigosos foi o fator mais citado entre os alunos, e expressões como a dos alunos T1A15- “Nem que a vaca tussa! No outro mais claro ainda dava pra ver melhor!!”; T1A7- “Floresta abandonada e selvagem”; e, T2A11- Na primeira imagem não teria pesadelos, na segunda sim”, prevaleceram na segunda imagem.

Nesse contexto o ambiente escolar possui grande potencial de mudança, pois é nele que as crianças passam boa parte de seu dia e por conta disso é de responsabilidade

institucional que os educadores se organizem para oferecer aos alunos a possibilidade de vivenciarem experiências ao ar livre, quebrando esse distanciamento e sensibilizando as crianças para esse cuidado com o meio ambiente (Tiriba, 2005). Ao conhecer estes anseios, é possível conduzir atividades, de modo a buscar superá-los e sensibilizar para esta conexão com a natureza.

Os alunos ainda foram questionados se andam muito, pouco ou se não percorrem estes espaços de florestas, ou ao ar livre. E foi observado, que a maioria dos participantes (13) já o fizeram, mas pouco. Somente sete alunos relataram andarem e terem estas experiências com maior frequência, em passeios, pescarias e brincadeiras de exploração. Na fala de um dos alunos T1A8- “Já achei ferro, diamante e ouro”, se referindo a cavar na terra, na casa da avó, para achar os tesouros. Os alunos que manifestaram vivências, quase todos relacionaram às memórias afetivas com os avós, em pescarias, brincadeiras ao ar livre, banhos de cachoeiras.

Brincar em contato com a terra, com a areia, participar de piqueniques à sombra das árvores, pendurar-se e escalar elas, encantar-se com o som dos pássaros ou com a beleza das flores, tomar banho de chuva, cultivar uma horta, criar uma escultura a partir de um galho ou de barro, e descobrir como a vida se desenvolve são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida. Ou seja, a natureza oferece à criança a noção de complexidade e interdependência, valores fundamentais para pensar sua ação no mundo e as próprias relações sociais, incluindo reflexões sobre o paradigma antropocêntrico. Portanto, se esses momentos não tiverem lugar na escola ou em outros territórios educativos, talvez não aconteçam na vida de grande parte das crianças, empobrecendo o repertório de experiências que elas podem (e devem) vivenciar (Barros, 2018).

Com isto, as crianças devem ter o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder e se encantar com “a e na natureza”, e para tanto, a escola deve igualmente se preparar, e os professores as se esforçarem para que isso de fato aconteça estarão contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças, além de tornar o ensino e a aprendizagem um processo prazeroso e mais humanista, conectado com o ambiente natural. Crianças menos ansiosas, aprendem mais e melhor. Professores menos ansiosos também ensinam e aprendem mais. A natureza tem ação restauradora neste processo.

Considerações finais

Ao findar as discussões em relação às categorias e subcategorias levantadas nesse artigo, cujo objetivo estava centrado em identificar os fatores que atraem e distanciam o contato de crianças de anos iniciais do Ensino Fundamental com a natureza, evidenciou-se que o ambiente natural, mostrado às crianças a partir de imagens, exercem um fascínio sobre as mesmas, manifestando sensações agradáveis em relação ao elementos naturais presentes, e curiosidade em poderem se fazer presentes nestes ambientes, como forma de explorá-los principalmente no que se refere ao com os animais, quando em ambientes de floresta clara. Já, quando se depararam com a questão da possibilidade estarem em uma floresta de pouca iluminação, estas sensações foram diminuídas por relações de medo, e as crianças passar a citar os mesmos animais que se tornariam atrativos, com denominações adjetivas, como selvagens, perigosos ou venenosos. Também, foi percebido o pouco contato das crianças com estes ambientes nos relatos das mesmas sobre suas vivências, o que contribui, para justificarem o interesse de alguns como apontamento de ambientes não agradáveis e que possam se sujar. Obviamente, a natureza jamais deveria ser compreendida como sinônimo de sujeita e sim, de interação para o desenvolvimento pleno e integral do ser humano. Daqueles que apontaram as vivências, ficou destacado que estas possuem uma influência principalmente marcada pelos avós, e não seus pais.

Ao aprofundar as discussões acerca da importância da relação entre o contato com os ambientes naturais desde a infância e os problemas relacionados ao seu distanciamento no desenvolvimento integral do ser humano, o artigo contribui com reflexões aceca da necessidade de tal temática ser discutida também na escola e na formação inicial docente. Pois, a medida que professores em formação vivenciam tais experiências, se preparam para desenvolverem estratégias que possam oportunizar maio contato dos alunos com ambientes naturais, minimizando as concepções negativas.

A partir dos achados desta pesquisa, busca-se construir trilhas de sensibilização, para serem trabalhados com os alunos de anos iniciais e com os professores envolvidos no projeto, além de oportunizar vivências e reflexões acerca da temática aos alunos pesquisadores, em sua formação inicial na docência. Acreditamos que o contexto escolar é considerado um ótimo local para esta sensibilização, propondo atividades que possam restaurar a sensação de pertencimento e ligação com a natureza. Sem dúvida, o medo

ainda é um fator decisivo e as crianças precisam ser estimuladas pela curiosidade para explorarem a floresta, barrada pelo temor de encontrar animais, que muitas das vezes, elas nunca nem viram, mas ouviram falar que é perigoso. O medo do escuro também deve ser trabalhado, assim como o imaginário infantil, associado inclusive a contos infantis, que colocam alguns animais como vilões perigosos. Além disso, o cotidiano cimentado traz consigo a ideia de que terra e qualquer outro elemento natural devem ser evitados, pois se sujar é um problema desnecessário.

Desta forma, propostas que visem junto ao currículo e aos ambientes escolares, pensar em área externas, comunidades vizinhas, pátio escolar, com pequenos ambientes verdes, devem ser contempladas, como uma alternativa para promover atividades para aproximar as crianças da natureza, e para tal faz-se necessário que os professores e adultos envolvidos tenham um olhar sensível a isto, de modo que compreendam quais os receios das crianças, de modo que possam ser trabalhados, e oportunizados experiências que visem seu melhor desenvolvimento.

Referências

- BARROS, M. I. A. de. **Desemparedamento da infância**: A escola como lugar de encontro com a natureza. 2º ed. Rio de Janeiro: Criança e Natureza, 2018.
- BREUNIG, E. T.; RICHTER, L.; GOLDSCHMIDT, A. I. Chapeuzinho Vermelho sob o olhar do Ensino de Ciências: contribuições para a alfabetização científica. **Temas & Matizes**, v. 17, n. 31, p. 169–188, 2023. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/32022>. Acesso em: 5 de jul 2024.
- CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- FARIA, A. B. G. de. O Pátio escolar como território [de passagem] entre a escola e a cidade. In: AZEVEDO, G. A. N.; RHEINGANTZ, P. A.; TÂNGARI, V. R. (Orgs). **O lugar do pátio escolar no sistema de espaços livres**: uso, forma e apropriação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2011. p. 37-49.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6º. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GRACIELA RIBAS, A.; BOMFIM NOBRE, S. Aprender e brincar com e na natureza: reflexões sobre a prática docente na Educação Infantil. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, Ivoi, RS, v. 11, n. 1, p. 15–32. Disponível em: <https://ws2.institutoivoti.com.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/219>. Acesso em: 05 jul. 2024.

GRENNO, F. E.; CABICIERI PROFICE, C. Experiências diretas entre crianças e natureza - educar para a sustentabilidade. REMEA - **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. I.], v. 36, n. 1, p. 324–338, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/8766>. Acesso em: 05.jul.2024

LOUV, R. A última criança na natureza: Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo, Aquariana 2016.

MAIA, I. C.; SANTOS, C. D. Urbanização e questão ambiental em Maranguape (Ceará, Brasil). 2009, **Anais...** In: XII Encontro de Geógrafos de América Latina, Montevidéu, Uruguai, 2009.

MARCELO GARCIA, C. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

OLIVEIRA, H.T; FIGUEIREDO, A.N; TULLIO, A. **Educação ambiental para a conservação da biodiversidade: animais de topo de cadeia** [livro eletrônico] - São Carlos, SP: Diagrama Editorial, 2016.

SILVA, E.V. K. Quem tem medo do lobo mau? A representação do lobo em contos e recontos. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-113, jan./jun. 2015.

TIRIBA, L. **Crianças, natureza e educação infantil**. 2005. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como Direito e Alegria, Em Busca de Pedagogias Ecológicas e Libertárias** [recurso eletrônico]. 1ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TOLEDO, M. L. P. B. de **Relações e concepções de crianças com/sobre a natureza: Um estudo em uma escola municipal**. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

ZAMBON, S.A. **Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis**. 2009. 109 f. Monografia (Especialização em Educação Infantil e a Escola de Nove Pesquisas e Gestão do Cotidiano Escolar) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

NOTAS

IDENTIFICAÇÃO DE AUTORIA

Andréa Inês Goldschmidt. Doutora em Educação em Ciências. Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões, Docente do Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas. Docente no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências. Palmeira das Missões, RS, Brasil.



E-mail: andrea.goldschmidt@ufts.m.br

ID <https://orcid.org/0000-0001-8263-7539>

Larissa Bazalha Izidorio, Graduanda em Ciências Biológicas, Bolsista de Iniciação Científica – FIEX, Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões, Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas. Palmeira das Missões, RS, Brasil.

E-mail: arissa.bazalha@acad.ufts.m.br

ID <https://orcid.org/0009-0006-9329-1960>

Bianca Pecke Rodrigues, Graduanda em Ciências Biológicas, Bolsista de Iniciação Científica – FIEX, Universidade Federal de Santa Maria, Campus Palmeira das Missões, Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Zootecnia e Ciências Biológicas. Palmeira das Missões, RS, Brasil.

E-mail: biapecke15@gmail.com

ID <https://orcid.org/0009-0004-3214-1657>

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria, e através desta o apoio ao FIEX, pelas bolsas de extensão.

FINANCIAMENTO

FIEX Universidade Federal de Santa Maria

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica, uma vez que está vinculado ao projeto de extensão de número 045239, mas que ainda assim se faz a coleta com pais e alunos envolvidos do Termos de Consentimento Livre Esclarecido, por envolver atividade extensionista junto à escola, e que possuem autorização para acontecer, com a participação das atividades de práticas docentes com os professores das turmas envolvidas.

HISTÓRICO

Recebido em: 23/07/2024 - Aprovado em: 05/12/2024 – Publicado em: 31/12/2024.

COMO CITAR

GOLDSCHMIDT, A. I.; IZIDORIO, L. B.; RODRIGUES, B. P. Contato de Crianças com a Natureza e a Importância da Formação Inicial dos Professores. **Revista ENSIN@ UFMS**. Três Lagoas, v. 5, n. 9, p. 262-277. 2024.